

Paula Alexandra Guimarães

Universidade do Minho

XVII Encontro da APEAA

Universidade de Aveiro

14-16 de Março de 1996

O Romance Político Inglês da Viragem do Século (1790-1820)

As raízes do romance político inglês encontram-se nas últimas décadas do século XVIII e especialmente na década revolucionária de 1790, altura em que se verificou um estreito relacionamento entre literatura e história.¹ O advento da Revolução Francesa e os ideais da liberdade, igualdade e fraternidade influenciaram uma facção representativa dos intelectuais ingleses da época — a vanguarda liberal formada por filósofos e escritores politicamente empenhados. Entre ela, encontravam-se os 'jacobinos ingleses', assim designados, não exactamente por serem simpatizantes dos jacobinos franceses², mas por procurarem combater a repressão do governo inglês vigente. Thomas Holcroft, William Godwin, Robert Bage, Elizabeth Inchbald, e outros, partilhavam um conjunto de valores e credos formados a partir da psicologia empírica de Locke e Hartley, do republicanismo inglês e do optimismo histórico do iluminismo francês. Opunham-se à tirania e à opressão a todos os níveis, assim como às desigualdades entre os homens que não fossem apenas baseadas nas suas qualidades morais. Os seus romances pretendiam descrever a luta e o triunfo

¹ Seria, no entanto, interessante recordar algumas obras que teriam já anteriormente levantado questões sociais. Por exemplo, *Utopia* (1515-16) de Thomas. More, *Oroonoko* de Aphra Behn, e mesmo *Moll Flanders* (1722) de Defoe.

² Membros do clube revolucionário francês, fundado em Paris, em 1789; democratas que tinham como objectivo acabar com as diferenças de classes e com a realza.

eventual da razão sobre o que eles designavam como *l'infâme*, a opressão. Surgiu, assim, o chamado *roman-à-thèse*³, que começou por colocar a literatura ao serviço da fé revolucionária, aproveitando o gosto popular pelo novo género e também a necessidade de propaganda política.

Inicialmente, o entusiasmo do movimento, os seus romances, panfletos, peças de teatro, poemas, e tratados filosóficos (sobretudo os de Godwin) dominaram a cena pública, até serem silenciados pelo governo inglês⁴; primeiro, através da "Association for the Preservation of Liberty and Property against Republicans and Levellers" e, depois, através dos "Gagging Acts" de 1795. Face à falta de liberdade de expressão, a literatura política radical apenas pôde sobreviver na clandestinidade. Robert Bage, um romancista já estabelecido e por sua vez influenciado pelas ideias da Revolução Francesa, tinha contribuído com a profecia de uma nova era de igualdade e justiça nas últimas páginas do seu romance, *Man as He Is* (1792). No entanto, Holcroft e Godwin, nos seus romances de 1805 (respectivamente, *Bryan Perdue* e *Fleetwood*), iriam debruçar-se mais sobre a reforma moral do indivíduo. Mas a filosofia destes autores afectou não apenas a caracterização e a acção como também a própria técnica romanesca. O romance deveria possuir uma "unidade de concepção", isto é, mostrar como os personagens se tinham formado a partir de um conjunto de circunstâncias externas. Os romancistas jacobinos pretendiam de igual modo combinar a sua filosofia radical do homem com uma análise detalhada da emoção e paixão humanas. O propósito desta ficção era o de produzir nos seus leitores uma revolução moral profunda.

³ Termo utilizado por Louis Cazamian na sua obra *The Social Novel in England. 1830-1850*, 1973, pág.36.

⁴ Dos que foram silenciados, destacam-se John Thelwall, Thomas Hardy e Thomas Holcroft (estes últimos acusados de traição, em 1794).

William Godwin⁵, considerado o filósofo do anarquismo, ficou conhecido por ter reformulado a questão da relação entre o indivíduo e a sociedade. A sua visão baseia-se na ideia de que o indivíduo se deve afastar gradualmente das instituições governamentais e procurar a verdade por si próprio, através do exercício privado do seu raciocínio. *Things As They Are; or, The Adventures of Caleb Williams* (1794) foi encarado como uma extensão da lógica racional do seu tratado *Enquiry Concerning Political Justice* (1793) para a forma mais popular e atraente do romance. Mas, pela altura do movimento romântico europeu, o romance passou a ser visto menos como um veículo de propaganda e mais como um estudo da psicologia individual. No entanto, existe nele um equilíbrio entre interesse psicológico e crítica social jacobina. As duas partes que o compõem, a perseguição de Caleb pelo seu patrão Falkland e a perseguição de Emily por Tyrrel, formam um paralelo. Estas estão claramente relacionadas com o Livro sete de *Political Justice*, intitulado "Of Crimes and Punishments"; uma ficcionalização do debate político sobre o direito que o estado tem de punir os cidadãos. "It is to expose the evils which arise out of the present system of civilized society; and [...] to lead the enquiring reader to examine whether they are, or are not, [...] irremediable".⁶

Godwin chama, assim, a atenção dos seus contemporâneos para a necessidade de uma reforma política da sociedade e uma reforma moral do indivíduo. *Things As They Are* evolui de uma exposição da corrupção social e política para um romance de sentimento, uma narrativa "gótica" de medo e perseguição, uma alegoria moral sobre o "triunfo" da verdade.⁷ Em última análise, este romance apresenta um exemplo particular de como o sistema de "things as they are" destrói os melhores

⁵ W. Godwin (1756-1836) aliou-se originalmente às tradições e noções do "Rational Dissent" do século XVIII. As suas teorias formaram-se sob a influência das revoluções americana e francesa e da leitura de Locke e Swift, Rousseau e T. Paine.

⁶ Godwin, em *The British Critic*, vi (July 1795), pág.94. Citado em Clemit, *The Godwinian Novel, The Rational Fictions of Godwin, Brockden Brown, Mary Shelley*, 1993, pág.42.

⁷ Nota-se, no entanto, um elevado grau de sentimentalismo na revisão do final do romance: a transformação de Falkland de perseguidor e eventual envenenador de Caleb em convertido admirador da força e inocência de Caleb.

representantes de uma cultura, separa o homem do seu semelhante, e cria um estado de guerra dentro da sociedade.⁸

Robert Bage⁹, por sua vez, parece ter demonstrado o seu interesse como romancista tanto no aspecto do carácter individual como no das opiniões políticas e filosóficas do seu tempo, possuindo as suas obras principais uma unidade temática muito própria. Bage fazia parte do mundo literário-científico de Birmingham e Derby, tendo contacto com o pensamento mais liberal do fim do século XVIII — a vanguarda da inovação nos campos da ciência, da indústria, da religião e do pensamento político. Em termos literários, as suas bases eram neo-clássicas, visto que os seus propósitos eram os de ensinar e divertir; atacava todo o tipo de abuso social ou político através da comédia e da sátira. Assim, os seus romances (sobretudo *Man As He Is* e *Hermsprong; or, Man As He Is Not*; este último publicado em 1796) foram classificados como subversivos pela *Anti-Jacobin Review and Magazine* (1798-1799)¹⁰.

Thomas Holcroft¹¹ tentou popularizar a "Nova Filosofia" através de uma variedade de peças teatrais, romances, ensaios, biografias e traduções. De origem humilde, os seus interesses eram no entanto verdadeiramente enciclopédicos. Grande admirador de Voltaire, Holcroft acreditava firmemente na verdade, na virtude e na razão. *Anna St. Ives* (1792) foi publicado durante o fervor revolucionário e, para além de antecipar os preceitos godwinianos, mostrou o propósito de educar a nova geração feminina nos valores da fortaleza e da firmeza de carácter. Em *The Memoirs of Bryan Perdue* (1805), tentou expôr os males de "things as they are", conduzindo o seu pícaro através da sociedade contemporânea. Holcroft partilhava com Godwin a ideia

⁸ Ver Kelly, *The English Jacobin Novel, 1780-1805*, 1976, págs.1-19.

⁹ Robert Bage era filho de um fabricante de papel em Darley, perto de Derby. Ele próprio seria possuidor de uma indústria de papel em Tamworth; encontrando-se, por isso, dividido entre o apoio ao governo ou aos trabalhadores. Em questões religiosas era materialista.

¹⁰ Fevereiro de 1800, numa crítica literária de um dos seus romances, *St. Leon*.

¹¹ Thomas Holcroft era um membro da "Society for Constitutional Information", um grupo de pessoas que tinha liderado a disseminação do livro mais revolucionário da época — *Rights of Man* de Thomas Paine.

de que o principal objectivo do romance, como género, era tentar dar resposta à questão de como o homem poderia mudar para melhor e como a perfeição poderia ser alcançada.¹²

Outros romancistas da década de 1790, como Elizabeth Inchbald¹³ procuraram demonstrar que os romances podiam usar as experiências pessoais para dar uma maior intensidade ao tratamento de assuntos públicos. *A Simple Story* (1791) de Mrs. Inchbald funcionou como um modelo de auto-exame psicológico, através do qual os jacobinos ingleses poderiam estudar a influência da sociedade e das suas instituições no desenvolvimento do carácter do indivíduo. Ao tratar o impacto da educação e da posição social no carácter da sua heroína, ela influenciou ainda outras romancistas não-jacobinas, como Maria Edgeworth. Além disso, debruçou-se sobre a natureza da experiência feminina e o papel da mulher na sociedade — assuntos de interesse não apenas dos jacobinos ingleses mas também dos romancistas do século XIX. Apesar de não fundir a sua experiência pessoal com as suas ideias políticas, Mrs. Inchbald conseguiu provocar a ira dos críticos anti-jacobinos com a sua polémica obra, *Nature and Art* (1796), uma sátira jacobina que analisa de forma alegórica os vários níveis (classe e género) em que a tirania social opera.¹⁴

Outras romancistas igualmente importantes, particularmente mulheres como Mary Wollstonecraft¹⁵, Mary Hays¹⁶ e Helen Maria Williams tentaram trazer para o romance popular novas atitudes em relação à experiência feminina. Havia ainda

¹² Ver Alves, "Things as they could have been: the politically involved novel in late eighteenth-century England", *Diacrítica*, nº 7 (1992), 217-231; págs.228-29.

¹³ Elizabeth Inchbald tornou-se famosa como atriz e dramaturga na sociedade da época.

¹⁴ A informação relativa a esta última parte baseia-se de igual modo na *English Jacobin Novel* de G.Kelly, capítulos I e III.

¹⁵ Mary Woolstonecraft (1759-97) foi uma das mulheres mais marcantes do seu tempo, autora de *A Vindication of the Rights of Men* (1790) e de *Vindication of the Rights of Woman* (1792). O seu melhor romance é *Mary, a Fiction*, escrito em 1788. Tendo casado com William Godwin, veio a falecer pouco tempo depois.

¹⁶ Mary Hays foi uma autora bem sucedida de romances do tipo sentimental. O seu romance mais conhecido é *Memoirs of Emma Courtney* (1796).

outras que, como Charlotte Smith e Mary Robinson¹⁷, apresentavam um talento considerável e partilhavam das ideias da *entourage* de Godwin. Muitas escritoras que pareciam ter favorecido uma sensibilidade liberal, como Hannah More, rapidamente abandonaram as suas facetas mais radicais. Outras que se mantiveram ligadas aos seus princípios radicais, como Helen Maria Williams, Mary Wollstonecraft, e Charlotte Smith, tornaram-se mais extremistas no seu radicalismo. Ao procurarem uma base mais firme para a sua crítica social, aproximaram-se do racionalismo de William Godwin. Em nome da sensibilidade individual, atacavam as imagens sentimentais tradicionais que corporizavam valores conservadoras, tal como Godwin atacava as instituições sociais tradicionais em nome da razão individual. Os debates da década de 1790 eram caracterizados por uma 'politização' de todas as questões (desde os afectos privados até ao uso da razão), encaradas como declarações políticas alinhadas com ideologias conservadoras ou radicais.

A sensibilidade radical de Mary Wollstonecraft derivava tanto de Rousseau como dos chamados "Rational Dissenters". O idealizar do objecto de paixão acima das possibilidades deste mundo era para ela algo de grandioso. No entanto, o factor que legitimava e controlava os mecanismos da paixão e que informava a capacidade reformista era a 'razão' — "We reason deeply, when we forcibly feel"¹⁸. Em *Vindication of the Rights of Woman* (1792), ela procura redefinir os termos da sensibilidade conservadora, como 'delicadeza', 'castidade', e 'modéstia', de forma a sugerir 'igualdade', 'auto-respeito', e 'independência'. E em *The Wrongs of Woman*, Wollstonecraft idealiza uma sociedade onde o casamento possa ser mais perfeito e 'sagrado', em vez de o desejar abolir, como Godwin pretendia.

Helen Maria Williams, tal como Charlotte Smith, já tinha uma reputação estabelecida como poeta antes da Revolução Francesa. Desde 1783 que Williams

¹⁷ Outra romancista menos conhecida, Amelia Opie, escreveu um romance intitulado *Adeline Mowbray* (1804).

¹⁸ M. Butler e J. Todd (eds.), *The Works of Mary Wollstonecraft*, vol.6, London: Pickering, 1986, p. 325.

recebia a *intelligentsia* literária nos seus aposentos de Portman Square. A sua poesia começou por focar os horrores da guerra, as iniquidades do comércio de escravos e a opressão colonialista, alargando depois o seu âmbito aos temas revolucionários. Tanto C. Smith como H. M. Williams receberam com entusiasmo a Revolução, e sofreram duras críticas por terem mantido até ao final a sua lealdade para com os ideais daquela. Williams foi acusada publicamente de actividades subversivas em França e os seus escritos foram confiscados. Ao mudar a sua família e os seus aposentos para Paris, passou também da poesia e do romance para a forma epistolar. Exemplificando a fé radical na experiência individual, Williams reagia emocionalmente aos acontecimentos do momento; as suas *Letters Written From France* (1790), baseadas no seu envolvimento pessoal, oferecem o retrato mais vívido e sentido deste período revolucionário. O seu romance *Julia* (1790) foi injustamente esquecido pois constitui uma 'resposta' importante à *Nouvelle-Héloïse* de Rousseau.

A obra de Charlotte Smith, tal como a de Wollstonecraft e a de H. M. Williams, defende uma maior igualdade na sociedade, o direito ao raciocínio individual, e afirma a capacidade de acção do indivíduo sob o espírito de benevolência. Smith usa os seus personagens para criticar os vícios da aristocracia, os valores mercenários do grande comércio, as iniquidades do sistema legal, e a desumanidade da profissão militar. Os acontecimentos da década de 1790 levaram-na, por isso, a re-examinar a sociedade inglesa; muito embora a sofisticação da sua técnica literária (nomeadamente no uso da ironia e da paródia) tenha, por vezes, encoberto o seu empenhamento radical. Na heroína do seu romance *Desmond* (1792), Smith criou um dos exemplos mais extremos da esposa oprimida, e estabeleceu um paralelo entre a situação daquela e a do povo francês sob o *ancien régime*. O próprio Desmond solidariza-se com a classe dos oprimidos, ligando a luta dos camponeses de França com a das classes baixas inglesas; aponta mesmo os abusos que necessitam de

reforma no seu país: a representação desigual, as leis penais e as que defendem a propriedade. Nos seus romances seguintes, *The Banished Man* (1794) e *Marchmont* (1796), Smith aborda o período de terror que se seguiu à Revolução Francesa. O seu último romance, *The Young Philosopher* (1798), é uma obra radical mais empenhada que releva da sua leitura de *Political Justice* de Godwin. A esperança no futuro não reside agora em medidas políticas, mas nas faculdades humanas da razão e da sensibilidade — a fé num despertar geral. Este romance marca, assim, o final de uma década de optimismo revolucionário.

Embora entre 1800 e 1820, em pleno período romântico, o público em geral estivesse já sob a influência da reacção conservadora ("Tory"), que rejeitava peremptoriamente todo o tipo de radicalismo, esta nova mistura entre filosofia e ficção provou ser tão inovadora nos seus objectivos e métodos que já se falava da "escola de Godwin". Os chamados "romancistas godwinianos", independentemente das suas diferenças ideológicas, aderiram ao modelo narrativo iniciado com *Caleb Williams*. Assim, na segunda metade do período romântico, Mary Shelley e Charles Brockden Brown¹⁹ desenvolvem aquele modelo numa altura de crescente experimentação de formas romanescas não-realistas. Ambos partilham com Godwin a capacidade de projectar questões teóricas em formas imaginativas extremamente simbólicas; é uma nova mistura de inquirição filosófica e observação psicológica. A análise precoce que M. Shelley faz da psique oprimida em *Frankenstein* adquire a máxima relevância porque ela escreve dentro do contexto genérico das questões sociais e da mudança revolucionária.

A epígrafe²⁰ e o subtítulo de *Frankenstein, or, The Modern Prometheus* (1818) assinalam o modo como Mary Shelley expande o romance godwiniano de modo a incorporar os principais mitos ocidentais da criação do homem. O monstro

¹⁹ Charles Brockden Brown foi mesmo considerado o Godwin americano pelos autores românticos ingleses. Publicou sobretudo romances "góticos", por exemplo *Wieland* e *Ormond* (1799).

²⁰ "Did I request thee, Maker, from my clay / To mould me man? Did I solicit thee / From darkness to promote me? —" (*Paradise Lost*).

abandonado que volta para desafiar o seu criador representa o drama simbólico que leva a uma destruição social generalizada. Subjacente à sua visão de fragmentação universal, está o declínio difundido da fé no progresso revolucionário, nas duas primeiras décadas do século XIX. No entanto, Mary Shelley terá herdado da sua revolucionária mãe, Mary Wollstonecraft, a convicção declarada de que uma geração 'monstruosa' é o produto de um sistema repressivo. "Treat a person ill and he will become wicked [...] divide him, a social being, from society, and you impose upon him [...] malevolence and selfishness."²¹

²¹ P. Shelley, "On Frankenstein" [1818, published in the *Athenaeum*, 10 Nov. 1832], citado em Clemit, *The Godwinian Novel*, p. 139.

Bibliografia

Alves, Hélio "Things as they could have been: The politically involved novel in late eighteenth-century England". *Diacrítica*, nº7 (1992), págs. 217-231.

Cazamian, Louis (1903) *The Social Novel in England 1830-1850, Dickens, Disraeli, Mrs Gaskell, Kingsley*. (Trad. Martin Fido). Routledge and Kegan Paul, London and Boston, 1973.

Clemit, Pamela *The Godwinian Novel, the Rational Fictions of Godwin, Brockden Brown, Mary Shelley*. Clarendon Press, Oxford, 1993.

Jones, Chris *Radical Sensibility. Literature and Ideas in the 1790s*. Routledge, London and New York, 1993.

Kelly, Gary *The English Jacobin Novel, 1780-1805*. Oxford University Press, Oxford, 1976.